

JOÃO ANTÔNIO

AFINAÇÃO DA ARTE DE
CHUTAR TAMPINHAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

João Antônio

Afinação da arte de chutar tampinhas

COSACNAIFY

Afinação da arte de chutar tampinhas

Hoje meio barrigudo.

Mas já fui moleque muito bom centromédio. Pelo menos Biluca assegurava que eu era. E nunca peguei cerca nos quatro anos de U.M.P.A. — queria dizer: União dos Moços de Presidente Altino. A voz de Biluca mandava, porque era técnico e dono das camisas. Se era técnico de verdade, não sei. Sei que as camisas eram suas, e sem elas não havia jogo. Mas a família se mudou, o ginásio chegou e a presunção de bom centromédio foi-se embora.

Na Mooca, agora, eu via os moleques do Caiovás F.C. Papai vivia me apertando na escola. Era o único jeito, porque não estudaria de outro. Eu via os moleques e não podia jogar.

À boca da noite os grilos e os sapos já cantavam nas poças do campo da U.M.P.A. Depois da janta, cada um vinha do seu lado e a gente se juntava na sede. Então, folgados, fumávamos à vontade e contávamos coisas. Havia certo ar de homem na gente enquanto fumávamos. Sérios nas calças curtas, o dedo batendo no cigarro, a cinza caindo no chão. Contávamos coisas, vantagens.

— Pois é. Eu bem podia ter quebrado aquele cara. Eu é que não quis.

Não que Biluca tivesse ódio do cara, não tinha raiva de ninguém, longe de ter raiva. É que falava de um jogo que perdêramos.

Ali pelas oito horas a vontade já crescia. Os mais velhos iam ajeitando as coisas, Biluca no seu cavaquinho, eu repicava na frigideira. Havia um surdo que um sujeito da Força Pública tocava

(ele também era bom no pandeiro). As vozes se chegavam, se uniam e a gente batucava com vontade.

Naquelas noites da U.M.P.A., na pequena sede que era só um quartinho, alugado com dificuldades, a mensalidade pingada de cada um... Naquelas noites me surgia uma tristeza leve, uma ternura, um não sei quê, como talvez dissesse Noel... Eu estava ali, em grupo, mas por dentro estava era sozinho, me isolava de tudo. Era um sentimento novo que me pegava, me embalava. Eu nunca disse a ninguém, que não me parecia coisa máscula, dura, de homem. Não os costumes que a turma queria. Mas eu moleque gostava, era como se uma pessoa muito boa estivesse comigo, me acarinhando. As letras dos grandes sambas falavam de dores que eu apenas imaginava, mas deixava-me embalar, sentia.

Aos pés da santa cruz

Você se ajoelhou,

E em nome de Jesus

Um grande amor você jurou...

E depois, só depois, Noel nas noites de várzea. Pareceu-me engraçado que uma música tivesse dono, fosse feita por uma pessoa. Necessário também que eu diga — a primeira atração pelo sambista me nasceu dum fato obscuro. Para mim, Noel nem era nome de gente, Noel era nome de coisa, apenas cabia como nome de Papai Noel... E para mim, Papai Noel era coisa e não pessoa. Papai Noel, Saci, São Jorge montado no cavalo eram coisas, pessoas não.

Aos domingos a gente trepava num caminhão e ia jogar noutras vilas. Havia batucada na ida e na volta. Ou melhor, às vezes, voltávamos de cabeça baixa, maldizendo juiz, campo que a gente não conhecia, tudo para justificar a derrota.

Por esse tempo, comecei a prestar atenção nas letras dos sambas, e vi, mesmo sem entender, que o tamanho de Noel era outro, diferente, maior, tocante, não sei. Havia uma tristeza, uma coisa que eu ouvia e não duvidava que fosse verdade, que

houvesse acontecido. O gosto aumentou, eu fui entendendo as letras, apanhando as delicadezas do ritmo que me envolvia. Hoje, quando a melodia me chega na voz mulata do disco, volta a tristeza de menino e os pelos pretos do braço se arrepiam.

Sobraram restos de memória dos jogos suados na U.M.P.A.

Rememoro-me, por exemplo, a marcar o maior gol decente da vida. Talvez o único realmente. Desenvolvido com estilo, cabeçada firme, resultado bom dum centro inteligente do ponta. Dando tudo certo. Goleiro estatelado no centro da meta. Sem entender nada. Eu me envergonhei porque Aldônia estava comendo pipocas do lado de lá do campo. E viu tudo. (Aldônia era uma espécie desajeitada de namoro que eu andava engendrando.) Deu em nada — um dia, ela me pilhou fumando escondido, na maior folga, perfeitamente um macaco trepado num abacateiro.

Contou. Danada! Em casa me bateram porque ela contou. Raiva — escrevi-lhe num bilhete palavrões infamantes, muito piores do que aqueles que escrevíamos nos armários do vestiário da U.M.P.A. “Sua isso, sua aquilo.” Tolice enorme. Surra dobrada, em casa. Papai me esperando com o bilhete na mão. A diaba contava tudo porque sabia que eu apanhava mesmo. Aquilo já era me fazer de palhaço.

— Não fala mais comigo.

Engraçado — Aldônia até hoje não presta.

Quartel.

Nem me deixaram pensar em jogo de bola. Jiu-jítsu. E eu que sempre gostei duma pelota... Os cobras queriam-me de quimono, aproveitando-me o pouco que sabia da luta.

O comandante com dois filhos. Dois moleques mimados, manias de mandar na gente. Mais chatos do que essas musiquinhas que andam por aí no rádio. Gemedeira irritante, sem motivo, nem ritmo, nem nada!

E eu aturando onze meses os filhinhos do comandante.

— Sim senhor, seu capitão.

Porque, segundo ele, os garotos tinham irrefreável aptidão para lutas. De acordo com o homem, eram gênios em tudo o que faziam.

Para mim, o comandante era bom. Eu não tinha queixa. Favores, dispensas, o homem me dava um fio de liberdade. Porém, um defeito sem remédio. Eu nunca rasguei o verbo. Senão, cafua. O mal maior do capitão era não reconhecer a verdadeira vocação dos garotos — plantar batatas... Na horta do pai, ou onde bem entendessem. Para jiu-jítsu, garanto que não haviam nascido.

Há algum tempo venho afinando certa mania. Nos começos chutava tudo o que achava. A vontade era chutar. Um pedaço de papel, uma ponta de cigarro, outro pedaço de papel. Qualquer mancha na calçada me fazia vir trabalhando o arremesso com os pés. Depois não eram mais papéis, rolhas, caixas de fósforos. Não sei quando começou em mim o gosto sutil. Somente sei que começou. E vou tratando de trabalhá-lo, valorizando a simplicidade dos movimentos, beleza que procuro tirar dos pormenores mais corriqueiros da minha arte se afinando.

Chutar tampinhas que encontro no caminho. É só ver tampinha. Posso diferenciar ao longe que tampinha é aquela ou aquela outra. Qual a marca (se estiver de cortiça para baixo) e qual a força que devo empregar no chute. Dou uma gingada, e quase já controlei tudo. Vou me chegando, a vontade crescendo, os pés crescendo para a tampinha, não quero chute vagabundo. Errei muitos, ainda erro. É plenamente aceitável a ideia de que para acertar, necessário pequenas erradas. Mas é muito desagradável, o entusiasmo desaparecer antes do chute. Sem graça.

Meu irmão, tipo sério, responsabilidades. Ele, a camisa; eu, o avesso. Meio burguês, metido a sensato. Noivo...

— Você é um largado. Onde se viu essa, agora!

É que eu, às vezes, interrompo conversas na calçada para os meus chutes.

Só um sujeito como eu, homem se atilando naquilo que faz, pode avaliar um chute digno para determinadas tampinhas. Porque como as coisas, as tampinhas são desiguais. Para algumas que vêm nas garrafas de água mineral, reservo carinho. Cuidado particular, jeito. É doce chutá-las bem baixo, para subirem e demorarem no ar. Ou de lado, quase com o peito do pé, atingindo de chapa. Sobem. Não demoram muito, que ainda não sou um grande chutador. Mas capricho, porque elas merecem.

Minhas tampinhas... Umas belezas.

Descobri com encanto que meus sapatos de borracha se prestam melhor para apurar minha tarefa. Doce e difícil tarefa de chutar tampinhas. Realmente. A tampinha parece nem sentir. Vai até o outro lado da rua com alguma facilidade. Está claro que na razão direta da propulsão dos chutes. A borracha apenas toca o cimento, a tampinha desliza, vai embora. Necessário equilibrar a força dos pés.

Mas quem se entrega a criar vive descobrindo. Descobri o muito gostoso “plac-plac” dos meus sapatos de saltos de couro, nas tardes e nas madrugadas que varo, zanzando, devagar. Esta minha cidade a que minha vila pertence, guarda homens e mulheres que, à pressa, correm para viver, pra baixo e pra cima, semanas bravas. Sábados à tarde e domingos inteirinhos — cidade se despoeva. Todos correm para os lados, para os longes da cidade. São horas, então, do meu “plac-plac”. Fica outra a minha cidade! Não posso falar dos meus sapatos de saltos de couro... Nas minhas andanças é que sei! Só eles constataam, em solidão, que somente há crianças, há pássaros e há árvores pelas tardes de sábados e domingos, nesta minha cidade.

Agora me lembro — minhas favoritas vêm acima do gargalo das garrafas de água mineral marca Prata. Em vermelho e branco.

A cortiça coberta por uma espécie de papel impermeável e branco e brilhante. O que mais as valoriza é a cortiça forrada.

Harmoniosas e originais. Muito jeitosas.

Para elas diligencio firmeza, apuro. Às vezes, encontrando-as por circunstância na rua, eu as guardo no bolso do paletó, para aproveitá-las mais tarde. Porque só os sapatos de borracha são dignos de minhas favoritas. E mesmo calçando-os, fico estudando os chutes. Necessário valorizá-las como merecem, ir trabalhando os pontapés com cautela, até que a borracha se aproxime de leve e atinja a tampinha e a faça subir, voar, pequenas distâncias atravessando na noite. Só o barulho da borracha no chute e depois o barulho da tampinha aterrissando. E um depois do outro, os dois se procuram, os dois se encontram, se juntam os dois, se prendem, se integram, amorosamente. É preciso sentir a beleza de uma tampinha na noite, estirada na calçada. Sem o quê, impossível entender meu trabalho.

Às tampinhas comuns não ligo. Ordinárias, aparecem à toa, à toa. Vadias da calçada. Não as abandono, porém. Sirvo-me delas para experimentos, estado rude dos meus chutes em potencial. Porque desenvolvo variações, aprendo descobrindo chutes, chaleiras, usando o calcanhar, os lados dos pés. Com o direito, com o esquerdo, meio de lado... Tentativas.

Consigo, por exemplo, embocá-las nos bueiros da rua. Se é impossível trabalhar na calçada, passo para o asfalto e fico a chutar. Muito bom pela madrugada, quando os carros são poucos e a luz dos postes se atira sobre as tampinhas no asfalto.

Muito injusto esquecer-me de que as de cerveja preta são interessantes. Igualmente. Não posso desprezá-las. Elas com seus símbolos no meio. Uma cabeça de bovino ou muar. Também me dedico com simpatia às de cerveja preta. Provavelmente porque me lembram serões, almoços improvisados, trechos duros da vida.

Havia no quartel uma caixa delas. Reservadas para sargentos do dia. Cada um tinha direito a uma. Na geladeira do

aprovisionamento sempre havia. Difícil cavar cerveja preta. O comandante me encarregou de tomar conta do provisionamento, ajudando o sargento Cunha. Pagar o mantimento ao pessoal do rancho. Boa vida. Meu lugar bem que era outro, lá na secretaria. Datilografando, esquentando a cabeça com números e preços na máquina de calcular. Mas eu ensinava jiu-jítsu aos filhos do comandante, era peixe... As cervejas pretas eram inacessíveis. Todos queriam. Os homens viviam de olho naquilo.

— Se sumir, desconta-se na folha de pagamento.

Na minha folha de pagamento, é claro. Ordem de não sei quem.

Eu não era tão trouxa nem tão caxias. Guiava, saía com o caminhão, apareciam virações.

— Você não é praça? Se vira.

Eu me defendia de acordo. Pois um dia, o sargento Cunha esqueceu-se de uma caixa no relatório. Ficavam cópias do relatório dentro do armário. Espiá-las. Era a primeira coisa que eu fazia no começo de cada mês. Às vezes, sobrava alguma coisa que faltava no relatório... Eu me ria.

— O sargento não é santo.

E quem é santo?

Disputa brava, então. Porque o homem percebia as minhas olhadelas no relatório. Um tapeando o outro, se escondendo. Faca de dois gumes.

— Fulano, você não viu uma lata de marmelada?

— Não senhor. Este mês não veio marmelada.

— Ah...

Agora, com as cervejas pretas foi sopa. Os sacos de cebolas, que fui buscar à subsistência, eram ralos e muito fáceis de costurar-se. Uma canja. Fiz o contrário em dois deles, escondi doze garrafas. Pequenas, sumidas entre cebolas, quem poderia dar pela coisa?

Espumavam pretas, gostosas. Ia bebericando uma hoje, outra amanhã. E dando sumiço nas vazias.

— Você não é praça? Se vira.

Eu me defendia.

Memória triste — um dia me pilharam jogando vinte e um no picadeiro, onde se guardavam caminhões e outras viaturas. Três homens do rancho e eu no quente do jogo. Cafua. Perfeitamente naquele dia houve uma inflamação num dente do comandante...

— Cambada de folgados!

Cadeia. Não perdoou ninguém.

Arranjei umas escritas à noite, para defender uns cobres extras. O emprego dá pouco. Perto de casa, um escritório de contabilidade. Meu irmão:

— É, já era hora de tomar juízo.

Meu irmão só pensa em seriedade.

Cá no bairro minha fama andava péssima. Aluado, farrista, uma porção de coisas que sou e que não sou. Depois que arrumei ocupação à noite, há senhoras mães de família que já me cumprimentam. Às vezes, aparecem nos rostos sorrisos de confiança. Acham, sem dúvida, que estou melhorando.

— Bom rapaz. Bom rapaz.

Como se isto estivesse me interessando...

Faço serão, fico até tarde. Números, carimbos, coisas chatas. Dez, onze horas. De quando em vez levo cerveja preta e levo Huxley. (Li duas vezes o *Contraponto* e leio sempre.) Não parei na várzea da U.M.P.A, nas lições de distribuição de passes e centros que Biluca me dava.

Deixando o escritório. A madrugada costuma enegrecer tudo. Casas e homens. Só as minhas tampinhas reluzem na calçada. *Contraponto* debaixo de um braço. Garrafa vazia de cerveja preta no outro. Assobiando, mãos nos bolsos.

Mamãe costuma dizer que eu não sou dos mais feios. Bem — veio morar cá no bairro uma professorinha solteira, muito chata. Rapazes lhe dão em cima por causa de um dote, ou de coisa parecida. Não sei. A vida dos outros nunca me interessou. Nem a dela, embora viva me provocando. Quer casamento, com certeza. Olho para a mulher, para os modos, para o anel... Quer casamento. Eu não.

Dias desses, no lotação. A tal estava a meu lado querendo prosa. Tentava, uma olhadela, nos cantos os olhos se mexendo. Um enorme anel de grau no dedo. Ostentação bobá, é moça como qualquer outra. Igualzinha às outras, sem diferença. E eu me casar com um troço daquele?... Parece-me que procurava conversa, por causa dum Huxley que viu repousando nos meus joelhos. Eu, Huxley e tampinhas somos coincidências. Que se encontraram e que se dão bem. Perguntou o que eu fazia na vida. A pergunta veio com jeito, boas palavras, delicada, talvez não querendo ofender o silêncio em que eu me fechava. Quase respondi...

— Olhe: sou um cara que trabalha muito mal. Assobia sambas de Noel com alguma bossa. Agora, minha especialidade, meu gosto, meu jeito mesmo, é chutar tampinhas da rua. Não conheço chutador mais fino.

Mas não sei. A voz mulata no disco me fala de coisas sutis e corriqueiras. De vez em quando um amor que morre sem recado, sem bilhete. Ciúme, queixa. Sutis e corriqueiras. Ou a cadência dos versos que exaltam um céu cinzento, uma luva, um carro de praça... Se ouço um samba de Noel... Muito difícil dizer, por exemplo, o que é mais bonito — o “feitio de oração” ou as minhas tampinhas.

Outras obras do autor publicadas pela Cosac Naify

Abraçado ao meu rancor

Dedo-duro

Leão-de-chácara

Malagueta, Perus e Bacanaço

Ô, Copacabana!

Leão-de-chácara - portátil 8

Contos reunidos

© Cosac Naify, 2013

Este conto integra o livro *Contos reunidos*, coletânea de contos de João Antônio.

Coordenação editorial Milton Ohata

Revisão Maria Fernanda Alvares e Thiago Lins

Adaptação e coordenação digital Antonio Hermida

1ª edição eletrônica, 2013

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

COSAC NAIFY

Rua General Jardim, 770, 2º Andar

01223-010 São Paulo SP

[55 11] 3218 1444

COSACNAIFY.COM.BR

Atendimento ao professor [55 11] 3218 1473

